

RELEMBRANDO O CENTENÁRIO DE VINICIUS DE MORAIS (2013)

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Começo com BH, anos 1950. Não na primeira metade, nem mesmo 1956, com vestibular em vez de carnaval, no mês de fevereiro. A partir de abril, a assídua frequência às horas dançantes do DCE – Diretório Central dos Estudantes – em ampla sede na Rua Gonçalves Dias, perto da Praça da Liberdade, com a famosa Orquestra de Castilho, que animava os frequentadores do Dancing Montanhês, na Rua Guaicurus, que o Roberto Drummond glamurizou em *Hilda Furacão*, popularizada em série da TV Globo.

Antes da hora dançante do DCE, as duas horas dançantes do Minas Tênis Clube, também perto da Praça da Liberdade, em BH: uma das 11 às 13 horas, a outra das 19 às 22 horas, com direito a show ao vivo: Caubi, Elizete, João Gilberto, Ângela Maria, Nelson Gonçalves... ou Waldir Calmon e seu conjunto. Com seus elepês nas paradas, além do show, os músicos tocaram para os sócios dançarem. Eu ia esquecendo um detalhe: a meia hora de show ocorria às 20h30, quando, a dois quarteirões de lá, começava a hora dançante do DCE. Depois do show, salvo alguma atração inesperada, passo apressado para dançar ao som da orquestra de Castilho.

E a relação do Vinicius com tudo isso? Vai esperar um pouco, para melhor preparo da sua chegada, no ano seguinte. A gente já lia seus sonetos e outros poemas dele. Nas minhas listas dos 70 (filmes, livros etc.), que organizei em 2007, a *Antologia Poética* de Vinicius se acha no nº 34, entre Manuel Bandeira e Fernando Sabino. Seu poema *Elegia a Clodoaldo de Moraes, meu pai*, ocupa o 4º lugar entre os 70 poemas. E dele extraí os versos “Diante de ti homem não sou, não quero ser. És pai do menino que eu fui”, para a dedicatória do meu livro *Espinosa, anos 40 – Depoimento de um menino curioso*, a Raimundo Gomes, meu pai.

E Vinicius também foi crítico de cinema e cronista. Entre os setenta filmes da minha lista elaborada nos meus 70 anos, em 2007, inclui-se *Orfeu do Carnaval*, com a belíssima Marpessa Down e roteiro de Vinicius.

Em 1966, no jornal *Última Hora*, a propósito do *Lunik*, como poeta, namorado e seresteiro, ele correu para protestar: “l’unique coisa nenhuma, pois cheguei antes” (o culto diplomata usava o francês *único*, para o trocadilho raro).

E, de modo inesperado, em 1958, ouvi, casualmente, *Chega de Saudade*. Fiquei comovido: a nossa música popular passava a contar influência de altíssimo nível.

Volto ao Minas T. C., no ano anterior. Os pares deixavam a pista às 20h30 para o show semanal. Quem não ocupava mesa, sentava-se na própria pista, de modo a não atrapalhar a visão dos sócios sentados. Vinicius, até meados dos anos 1960, ainda não participava de shows, o que só ocorreria depois da revolução de 1964, quando ele perdeu seu cargo no Itamarati.

Mais uma década, e o Club Atlético Paulistano anunciava, em 1974, para a véspera do dia das mães, show de Vinicius e Toquinho. Para meu orçamento, era uma extravagância. A mesa para o casal ficava em lugar distante do palco.

Foi então que me lembrei das horas dançantes do Minas T. C., nos anos 1950, com a moçada sem mesa sentada na pista para assistir ao show.

O comparecimento naquela noite rara do Paulistano foi maciço. Avisei logo à Maria Lúcia: se liberarem a pista para os sócios sem mesa ou com mesa distante, a gente se apressa para sentar no gargarejo.

Talvez tenhamos sentado na primeira fila. Éramos nós aqui e Vinicius ali. Com direito a tietagem minha, após o bis final, cumprimentando alguém de cativante simpatia e naturalidade.

Haveria, em 1979, novo show dos dois artistas. No ano seguinte, Vinicius faleceu.

O CAP anunciou show com Toquinho, comemorativo do centenário do poeta, diplomata e compositor, que nasceu no dia 19 de outubro de 2013.

Não pretendia comparecer, mas torci para que, mais uma vez, a moçada se sentasse na pista para recordar tanta coisa boa.